DEVOÇÃO E CULTO A SANTO ANTÓNIO "LUSITANO" NA COMPANHIA DE JESUS: SÉCS. XVI-XVIII

Fausto MARTINS *

Com o presente trabalho[1], não pretendemos apresentar grandes revelações acerca do tema em epígrafe.

Limitámo-nos, apenas, a trazer ao de cima o registo de pequenos factos, coligidos ao longo da investigação por nós levada a cabo sobre os Colégios Jesuítas em Portugal e seu relacionamento com a figura de Santo António - "Lusitano"- já que é deste modo que aparece designado na maior parte da documentação.

Pequenos factos que conseguem abranger praticamente todos os Colégios e a Casa Professa de S. Roque, que testemunham uma grande devoção da Companhia de Jesus ao Santo Franciscano e "Lusitano".

1. ENTRADA DOS PRIMEIROS JESUITAS EM COIMBRA A 13 DE JUNHO DE 1542

Desde os começos, o *Colégio de Jesus* de Coimbra ficará ligado à figura de Santo António.

Efectivamente, depois de ter deixado o Colégio de Santo Antão, de Lisboa, aos cuidados dos Padres Gonçalo e Cipriano, o Pe Mestre Simão Rodrigues, companheiro de Inácio de Loiola, organizou a "Nova Colónia", constituída pelo Pe Mestre Diego Mirón, valenciano; Pe Poncio Cigordano e Francisco Gallo, franceses; Francisco Rojas e Francisco Villanueva, castelhanos; Angelo del Paradiso e Martin Parmesano, italianos; António Cardoso, Manuel Fernandes e Lancerote Seixas, portugueses.

Partiram de Lisboa em direcção a Coimbra, no dia 9 de Junho de 1542, data em que a Igreja celebrava a festa litúrgica de S. Primo e S. Feliciano, coincidência que mereceu do cronista da Companhia o seguinte comentário: *Dia de S. Primo e Feliciano a fundar este collegio que he o "primeiro" que tem a Companhia, "felicissimo" na criaçam de tantos religiosos e ministros do Evangelho*[2].

A caravana apostólica, chefiada pelo Mestre Simão, demorou apenas quatro dias a percorrer a distância que os separava da capital à cidade de Coimbra, onde chegaram a 13 de Junho de 1542, dia de Santo António de Lisboa, como se lê nas crónicas da Companhia: *Entrou o Pe Mestre Simão com esta sua nova e religiosa colonia em Coimbra, dia de S. Antonio nosso Português (que também foy outro bom prognostico) a quem não só Lisboa, patria sua, mas todo Portugal, e em especial a cidade de Coimbra festeja com grande devoçam penhorada com honra dobrada, por lhe ter este glorioso Lisbonês, con sua sancta presença, consagrados dous mosteiros da mesma cidade, ambos com rezam famosos; hum em pobreza e humildade; outro em riqueza, e magnificencia; este he o real Convento dos Conegos Regrantes de S. Cruz, da Ordem de S. Agostinho; aquelle he o humilde mosteirinho de S. Antonio dos Olivais, da Ordem de S. Francisco, da Provincia da Piedade, em ambos estes mosteiros viveo Sancto Antonio agasalhado, quando entrou em Coimbra*[3].

Neste conjunto de coincidências cabe, ainda, salientar o facto do grupo dos fundadores do Colégio de Jesus de Coimbra ter sido igualmente acolhido, de início até à aquisição de morada própria, no Mosteiro de Santa Cruz, dos Cónegos Regrantes observantes da Ordem de Santo Agostinho, onde outrora vivera Santo António.

Mas será, sobretudo, a data da entrada, a 13 de Junho, que ficará a marcar, para sempre, a ligação e devoção do Colégio de Jesus ao Santo Franciscano.

2. CAPELA DE SANTO ANTÓNIO NA IGREJA DO COLÉGIO DE JESUS DE COIMBRA

A prova de que a data de entrada do grupo dos fundadores do Colégio de Coimbra, em dia de Santo António, não fora esquecida deduz-se da construção, no século XVII, duma capela dedicada ao Santo, no espaço da igreja do Colégio.

A génese desta capela remonta, contudo, aos finais do séc. XVI, concretamente a 1599, ano em que todo o Reino e a cidade de Coimbra, em particular, se viram, uma vez mais, afectados pelo flagelo da peste que obrigou ao encerramento das aulas do Colégio de Jesus e da Universidade de Coimbra.

Na altura, dirigia os destinos da Comunidade, como Reitor, o Pe Jerónimo Dias que não duvidou em recorrer a Santo António para que libertasse o colégio dos malefícios da peste, prometendo-lhe edificar uma capela e nomeando-o, ao mesmo tempo, protector do seu Colégio.

Sentindo-se beneficiados pela acção protectora do Santo taumaturgo, ergueram-lhe, na área interna da Comunidade, um pequeno oratório, onde colocaram uma imagem do Santo.

Com a entrada do Pe António de Sousa para o cargo de Reitor do Colégio, em 1638, a pequena edícula dedicada ao Santo, na altura da catástrofe, deu lugar a uma das capelas mais ricas da nave da nova igreja, tendo as paredes sido revestidas de azulejos e decoradas com painéis alusivos à vida de Santo António.

A carta ânua de 1639 descreve a capela nestes termos: *A abobada estava adornada com multiplos emblemas e no pavimento foram utilizados os melhores materiais. Contudo o que prendia mais a atenção era a riqueza do altar com uma decoração inspirada no sermão do Santo Franciscano aos peixes, bem como outro grande painel representando Santo Antonio tentado pelo Maligno em cujo auxílio acorreu a Virgem Maria com um exercito de Anjos*[4].

Para além do cumprimento da promessa, o autor da carta ânua conclui com uma interpretação simbólica que diz: *a decoração da capela de Santo Antonio parece preludiar o milagre da conclusão das obras da igreja. E sendo Santo Antonio invocado como o advogado das causas perdidas, parece que nos devolveu a esperança, quase perdida, de concluir o templo*[5].

A promoção do culto foi posteriormente confirmado através de um Breve do Papa Inocêncio X (1644-1655) que concedia ao "altar de Santo Antonio, sito no Collegio da Companhia de Coimbra", a distinção de *Altare Privilegiatum* a que estava anexa uma indulgência plenária[6].

3. CAPELA DE SANTO ANTÓNIO NA IGREJA DA CASA PROFESSA DE S. ROQUE

A existência duma capela dedicada a Santo António, na igreja principal dos Jesuítas em Lisboa, vem confirmar o apreço e devoção que a Companhia de Jesus professava ao Santo lisboeta.

Contígua à capela da "Trindade Terrestre", abre-se para a nave da igreja outra capela dedicada ao glorioso Santo António, instituída por Pedro Machado de Brito que nomeou a Mesa da Misericórdia de Lisboa como testamentária, com o encargo de mandar construir uma capela para sepultura do seu corpo e de seus descendentes.

Para satisfazer a obrigação testamentária, a Mesa da Misericórdia ajustou com os Padres da Companhia de Jesus de S. Roque a construção da capela por *hum conto e seiscentos mil réis*[7]. Segundo as cláusulas do contrato, cabia aos Padres a responsabilidade da fábrica da capela, segundo uma traça semelhante às capelas existentes na igreja. Para além disso, os responsáveis da Casa Professa obrigavam-se a instituir uma capelania composta por dois capelães que teriam a obrigação de celebrar duas missas diárias em sufrágio do fundador.

Tal como na arquitectura, a decoração da capela enquadra-se, perfeitamente, no esquema das restantes capelas. O intradorso do arco que marca a entrada da capela está coberto com boa talha dourada, comportando seis pequenos quadros da vida do Santo. Nas paredes laterais, destacam-se duas grandes telas executadas pelo Mestre Vieira Lusitano, por volta do ano 1720, com cenas alusivas ao célebre milagre da "Pregação aos peixes" e à "Visão de Santo António"[8]. Na edícula central, sobressai a imagem do Padroeiro da capela, representado na sua iconografia convencional, de pé, com o Menino Jesus e uma cruz.

Dependente da capela, funcionava a *Confraria de Santo António*, na qual estavam inscritos homens e mulheres devotos do Santo.

Na igreja de S. Roque, floresceram algumas das Confrarias de maior relevância dos séculos XVII e XVIII da cidade de Lisboa, a saber: Confraria de *Jesus, José e Maria dos nobres varões*; Confraria da *Santíssima Virgem e da Doutrina*; *Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte*; Confraria de *Nossa Senhora da Piedade*; Confraria de S. *Roque*; Confraria de S. *Francisco Xavier*; Confraria de *Santa Rita* e, como já dissémos, a Confraria de *Santo António*[9].

Em 1693, a Congregação de *Santo António*[10] logrou ser agregada à Congregação Primária de Roma e, consequentemente, alcançou a comunicação de todas as indulgências, privilégios e outros favores espirituais daí resultantes. O principal objectivo da Confraria de Santo António residia na promoção do culto ao célebre taumaturgo, na exaltação das suas virtudes e na obtenção, por seu intermédio, de todas as graças de ordem espiritual e ajudas de natureza moral e mesmo materiais.

Os membros inscritos nesta Confraria estavam obrigados, por normas estatutárias, ao cumprimento das práticas e orações entre as quais se destacava o reponso em honra de Santo António: *Si quaeris miracula...*, de Frei Julião de Spira (1232-1249). Promoviam, de forma especial, a devoção das treze terças-feiras em honra de Santo António, para ganharem a Indulgência Plenária, em cada terça-feira da trezena, após o cumprimento das condições, habitualmente, exigidas.

4. ORATÓRIO DO NOVICIADO DO MONTE OLIVETE DE LISBOA

Dando seguimento às normas da 14ª Congregação Geral de 1565 que obrigavam todas as Províncias a erigirem Noviciados, unidos ou separados dos colégios, na Congregação Provincial de 1572 da Província da Lusitânia, abordaram-se as diversas hipóteses e os membros presentes optaram pela união dos Noviciados aos colégios já existentes[11].

Uma solução de emergência que não era do agrado de muitos defensores de edifícios independentes das construções colegiais, mas que esbarrava com o obstáculo habitual das dificuldades financeiras de uma fundação.

O caso de Lisboa solucionou-se através da doação de 20 mil ducados e da *Quinta do Monte Olivete*, situada na região da Cotovia, pertencente a Fernão Teles de Meneses e sua mulher D. Maria de Noronha, que à partida resolviam os problemas de subsistência e asseguravam o começo da fundação. Superadas as dificuldades e discordâncias quanto à escolha do local mais apropriado, optou-se pelos terrenos onde estava sediada a Quinta do Monte Olivete, tendo-se iniciado o Noviciado, sob o título de Nossa Senhora da Assunção, no dia 18 de Dezembro de 1597, festa de Nossa Senhora do Ó.

Logo nos momentos iniciais, detectámos as conotações do Noviciado de Lisboa com Santo António, pois teve como primeiro Reitor, o Pe António de Mascarenhas e como primeiro noviço, António de Azeredo, um fidalgo que lutou em Alcácer-Quibir. Poderá dizer-se que se trata, apenas, de uma simples casualidade de nomes, contudo, factos sucedidos posteriormente revelam que não os podemos considerar como meras coincidências.

Efectivamente, depois de concluída a igreja e dois corredores da área habitacional, suficientes para albergarem a Comunidade que até àquele momento ocupara as instalações da Quinta de Campolide, anexa à Casa Professora de S. Roque, procedeu-se à inauguração do Noviciado, coincidindo com o dia 13 de Junho de 1619, festa de Santo António.

Como já acontecera nos tempos iniciais de Campolide em que se escolheu um "António" como primeiro superior, inaugurada a sede definitiva, a nomeação do primeiro Reitor do Noviciado do Monte Olivete recaiu na pessoa do Pe António de Morais que tinha desempenhado o cargo de Mestre de Noviços em Coimbra.

À inauguração presidiu, por feliz coincidência, o Provincial, Pe António de Mascarenhas, que tinha ocupado o lugar de primeiro Reitor na época de Campolide. O Pe António Franco narra, em pormenor, a cerimónia inaugural: *Tudo foy pondo em execussão o irmão Lombardo, e no anno de mil seiscentos, e dezanove tinha accomodado a caza em forma, que pudessem nella entrar a viver os Noviços. Por tanto se dispoz a nova dedicação em dia de Sancto Antonio do dito anno. Neste dia estava bem armada a Capella interior da caza nos corredores de sima. Nella se armou altar com imagem de vulto do gloriozo Sancto Antonio. Tinhão vindo de Coimbra nove Irmãos Noviços, e seis de Evora, com os quais se deu principio ao Noviciado*[12].

Mais à frente faz uma referência aos principais benfeitores do Noviciado destacando, para além do Irmão Flamengo Lombardo Lourenço, as figuras do Pe António de Mascarenhas e do célebre Pe António de Vasconcelos, o *autor da Anacephaleose dos Reys de Portugal escrito em latim*[13].

Ao consultarmos, sobre este tema, a obra do Pe Francisco Rodrigues[14], que segue à letra a crónica do Pe António Franco, estranhámos o facto de não ressaltar o nexo de

tantos "Antónios" à fundação do Noviciado de Lisboa e ficámos sem compreender a razão por que, ao referir a data de inauguração, não faz qualquer referência ao local da celebração, a capela de Santo António, que, como intentámos demonstrar, teve um papel relevante na génese do Noviciado dos Jesuítas em Lisboa.

5. CAPELA DE SANTO ANTÓNIO DA IGREJA DO COLÉGIO DO ESPIRITO SANTO DE ÉVORA

À semelhança de Coimbra e Lisboa, na igreja do Colégio dos Jesuítas do *Espírito Santo* de Évora, no lado do Evangelho, situava-se - e ainda existe - uma capela dedicada a Santo António, dotada de um belo retábulo em talha dourada, onde avulta a imagem do Santo representado segundo a iconografia convencional.

Nesta capela foram sepultados alguns membros da Comunidade de Évora, bem como leigos e devotos do Santo[15].

Por coincidência, viveu neste Colégio do Espírito Santo um dos "Antónios" de maior prestígio da Companhia de Jesus, em Portugal, que nos legou uma obra notável no campo da história da Ordem dos Jesuítas. Estamos a referir-nos ao ilustre Pe António Franco. Além de homem culto, foi um notável benfeitor do Colégio de Évora, custeando a famosa sala octógona, situada no cruzamento dos corredores do primeiro andar.Em paralelo com a obra historiográfica que nos legou, o Pe António Franco quis homenagear o seu Santo homónimo escrevendo uma Trezena a Santo António[16].

A história da relação de Santo António ao Colégio do Espírito Santo ficaria incompleta se não referíssemos o nexo do Santo com as obras da enfermaria. O cronista da Companhia, depois de ter aludido a outras obras que considerava de pouca monta (*haec minora dixerim*), exalta a obra verdadeiramente notável da enfermaria cuja primeira pedra foi benzida e lançada no dia 13 de Junho de 1649 sob os auspícios de Santo António: *maximum tamen et operosum opus, quod modo inceptum sub Lusitani Antonii auspiciis; cuius luce valitudinario primum jecimus lapidem marmoreum*[17]. A cerimónia, presidida pelo Reitor do Colégio, Pe Francisco Cabral, decorreu conforme o ritual da ocasião, tendo sido gravada, no bloco quadrado de mármore, uma inscrição apropriada ao local da enfermaria, do Evangelho de S. João: *Domine, ecce quem amas infirmatur*[18].

6. CAPELA DE SANTO ANTÓNIO DA IGREJA DO COLÉGIO DE S. TIAGO DE FARO

Com o apoio de quatro irmãos que ingressaram na Companhia de Jesus[19], tornou-se tarefa fácil obter do Bispo de Faro, D. Fernão Matias Mascarenhas, a autorização para a abertura, primeiramente da Casa Professora em 1597 e, posteriormente, a passagem a colégio, sob a tutela de S. *Tiago*, tristemente ocupado, em parte, na actualidade, pelo teatro Lethes.

Na igreja do Colégio existiu uma capela dedicada a *Santo António*, para a qual muito terá contribuído o célebre Pe António de Vasconcelos que deteve o cargo de superior desta casa.

7. CAPELA DE SANTO ANTÓNIO DA IGREJA DO COLÉGIO DE S. TIAGO DE ELVAS

Superadas as dificuldades iniciais, a 15 de Julho de 1643, celebrou-se o contracto de transacção dos bens do Fundador, Diogo de Brito, a favor da Companhia de Jesus que possibilitou a fundação do Colégio de Jesuítas, em Elvas, tendo como titular o Apóstolo S. *Tiago*[20].

Na capela de *Santo António* destacava-se o retábulo de talha dourada em que presidia a imagem do orago, representado segundo o modelo iconográfico convencional: os atributos da cruz e da açucena na mão direita, sustentando o Menino Jesus com a esquerda.

Na talha que revestia as superfícies murárias da capela, sobressaíam dois relevos com cenas bem conhecidas de Santo António: No lado esquerdo, representou-se o Milagre Eucarístico da mula do judeu Guillard de Toulouse que, mesmo faminta, desprezou a ração de cevada e, obediente à voz do taumaturgo, dobrou os joelhos diante da História consagrada, ficando em atitude de adoração. No lado aposto, optou-se pelo milagre, operado em Rimini, quando, por volta de 1297, não conseguindo a atenção da população local, o pregador Franciscano resolveu dirigir-se à praia e bradar aos peixes que acudiram em cardumes para ouvirem a sua pregação,

8. FESTA DE S. ANTÓNIO: DIA FERIADO

Competia ao Provincial aprovar o calendário dos feriados para cada Colégio, em cuja elaboração se deveria atender à orientação geral da *Ratio Studiorum* que tendia para uma redução do número de feriados: *quorum numerum minui, quam augeri oportet*[21].

Além disso, aconselhava-se que, na composição da lista, se considerassem os usos e costumes de cada região: *Eorum Catalogum conficiendum curet pro suae regionis ritu*[22].

Entre a documentação vastíssima que manuseámos, conseguimos descobrir, afortunadamente, as listas dos *Assuetos* para o Colégio de *Santo Antão* de Lisboa e para o Colégio de S. *Sebastião* de Portalegre nos respectivos *Costumeiros*.

Na elaboração das listas dos *Assuetos* - dias feriados - dos dois Colégios, aplicaram-se, à risca, os critérios da *Ratio Studiorum*, levando-se em linha de conta os usos e costumes de cada região. Assim, enquanto na lista dos feriados de Junho do Colégio de Portalegre não aparece mencionado o dia de Santo António, a lista dos *Assuetos* do Colégio de Santo Antão, de Lisboa, inclui, naturalmente, a festa do Santo e Padroeiro de Lisboa que, de resto, coincidia com o dia santo decretado pelas Constituições Sinodais da Diocese de Lisboa que, para o mês de Junho, estabeleceram, para além da festa de S. João Baptista e S. Pedro e S. Paulo, a de Santo António.

Para corroborar o pensamento que vimos desenvolvendo que tende, no fundo provar o grande apreço e devoção da Companhia de Jesus a Santo António, basta citar o texto do assento da Visita ao *Colégio de Jesus* de Bragança, efectuada em 1641, por mais um "António", o Pe António de Sousa: *Visto ser Santo António, nosso natural, seu dia de guarda em todo o Reino, no seu dia aja na nossa igreja pregação e seja festejado nella com particular devoção.*

Depois de termos concluído o nosso trabalho e revisto a documentação, que já tinha sido compulsada na altura da nossa dissertação de Doutoramento, para tentar alcançar a síntese temática que nos propusémos apresentar, devemos confessar que ficámos vivamente surpreendidos com o resultado da nossa investigação, que poderíamos sintetizar nestes termos: A Companhia de Jesus, entre os séc. XVI-XVIII, promoveu, de forma intensa, o culto de Santo António cujos agentes principais coincidiram sempre com os homónimos do Santo "Lusitano".

NOTAS

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

[1] Este trabalho corresponde à comunicação que apresentámos no Congresso Internacional - *Pensamento e Testemunho* - , comemorativo do 8° Centenário do nascimento de santo António, no dia 26 de Setembro de 1995, cujo texto não chegou a ser incluído nas Actas do Congresso.

[2] Cf. *Historia de la fundacion del collegio della Compañia de Jesus de Coimbra ate* 1575, Biblioteca Pública de Évora.

[3] *Ibidem*.

[4] Cf. MARTINS, Fausto Sanches, A *arquitectura dos primeiros Colégios Jesuítas de Portugal*: 1542-1759 - *Cronologia, artistas, espaços*, Porto, 1994, p. 108.

[5] *Ibidem*.

[6] ANTT, *Cartório dos jesuítas*, Maço 41, n° 1.

[7] Cf. *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, Lisboa, 1950, Tomo I, p. 269.

[8] Cf. COSTA, Luiz Xavier da, *Francisco Vieira Lusitano - Poeta e abridor de águas-fortes*, Coimbra, 1929, p. 81.

[9] Archivum Romanum Societatis Jesu, *Lusitania* 56: *Historia et Acta*: 1660-1889, f. 174v.

[10] ARSI, *Liber Congregationum Aggregatarum*: 1587-1829. *Congregationes, quae Primae Primariae Congregationi Romanae agregatae sunt*: A Confraria de S. Roque foi agregada á Congregação Primária da Bem-aventurada Virgem Maria da Anunciada de Roma, em 1 de Maio de 1693, com o n° 1822.

[11] Neste item seguimos os textos do Pe António Franco: *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus na Corte de Lisboa*, Coimbra, 1717.
- *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania*, Augsburgo, 1726.
- *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*, 1931.

[12] FRANCO, Pe António, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus na Corte de Lisboa*, p. 16.

[13] *Ibidem*.

[14] RODRIGUES, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Tomo II, vol. 1°.

[15] FRANCO, Pe António, *Évora Ilustrada*, Évora, 1945, pp. 254-255.

[16] Idem, *o. c.*, p. 273.

[17] MARTINS, Fausto Sanches, *o. c.*, p. 263.

[18] *Ibidem*.

[19] Pedro, Francisco, António e Nuno de Mascarenhas. No n° 13 dos *Documentos para a História da Arte em Portugal*, organizado por Luiz de Bivar Guerra, que contém o inventário do *Colégio de Santiago Maior de Faro*, alude-se ao *Altar de Santo António e ornato dele*, p. 39.

[20] RODRIGUES, Francisco, o c., Tomo III, Vol. 1°, p. 17.

[21] MARTINS, Fausto Sanches, *o. c.*, p- 950.

[22] *Ibidem*.

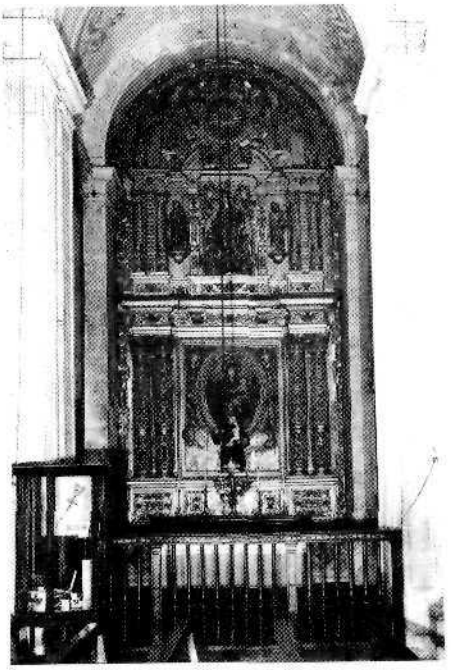

Fig. 1 - Capela de Santo António da igreja do Colégio de Jesus de Coimbra.

Fig. 2 - Capela de Santo António da Casa Professora de S. Roque de Lisboa.

Fig. 3 - Capela de Santo António da Igreja do Colégio do Espírito Santo de Évora.